

REGISTROS DO COTIDIANO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM RELATO DE PESQUISA

DAILY RECORDS DURING THE COVID-19 PANDEMIC: A RESEARCH REPORT

REGISTROS DIARIOS DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19: UN INFORME DE INVESTIGACIÓN

*Paulo Gajanigo¹
Rogério Souza²*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar um relato sobre uma pesquisa em andamento junto a um grupo na plataforma Facebook de produção e compartilhamento de relatos do cotidiano durante a pandemia do Covid-19. Aponta-se para o contexto do início do isolamento social, realizado em boa parte do território nacional e no mundo, e para as diversas iniciativas nacionais e internacionais de coleta de relatos cotidianos. Indicam-se aspectos relativos à literatura de testemunho e a construção de uma memória cultural. Ao final do artigo, foram anexados três relatos de autores diferentes, publicados anonimamente, a fim de ressaltar o efeito de diário coletivo que o grupo no Facebook provocou.

Palavras-chave: Cotidiano. Relato. Testemunho. Memória.

ABSTRACT

This article aims to present a report about a research with a group on Facebook for producing and sharing daily reports during a Covid-19 pandemic. The article points to the context of the beginning of social isolation, which affected a large part of the national territory and the world, and also points out several national and international initiatives for collecting daily reports. Aspects related to the testimony literature and the construction of a cultural memory are indicated. At the end of the article, reports by different authors were published anonymously to highlight the effect of the collective diary that the group on Facebook caused.

Key words: Daily life. Report. Testimony. Memory.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un informe de investigación en curso con un grupo en el de Facebook para producir y compartir informes diarios durante la pandemia de Covid-19. Señala el contexto del comienzo del aislamiento social, llevado a cabo en gran parte del territorio nacional y del mundo, y las diversas iniciativas nacionales e internacionales para recopilar informes diarios. Se indican aspectos relacionados con la literatura testimonial y la construcción de una memoria cultural. Al final del artículo, se adjuntaron tres informes de

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais, Campos dos Goytacazes, Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação de Cultura e Territorialidades da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (UFF) e do Laboratório de Estudo da Cidade e Cultura (IUPERJ-UCAM). E-mail: paulogajanigo@id.uff.br

² Professor e Coordenador do Programa do Mestrado em Sociologia Política PPGSP (IUPERJ-UCAM). Coordenador do Laboratório de Estudos da Cidade e Cultura LECC (IUPERJ-UCAM). Coordenador e Membro do Comitê de Pesquisa “Memória e Sociedade” junto à Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS. E-mail: rogeriosouza@iuperj.br

diferentes autores, publicados anonimamente, para resaltar el efecto del diario colectivo que el grupo en Facebook causó.

Palabras clave: vida cotidiana. Reporte. Testimonio. Memoria.

Apesar de parecer catastrófica, a pandemia não tem a forma de uma catástrofe. Diferentemente de um evento explosivo, todos nós fomos percebendo seu surgimento de forma paulatina. Fomos entendendo aos poucos quais eram as ameaças e quais tipos de consequências teríamos nas nossas vidas. Esse processo de compreensão foi se dando em conjunto com a sensação da aproximação da ameaça. Nos questionávamos se o vírus já estava entre nós, se viveríamos os mesmos problemas que estávamos vendo na China, depois Itália, Espanha e EUA. Num primeiro momento, a pandemia não significou a destruição de nossos planos, mas um estado de atualização constante deles, e recalculávamos a rota a cada dia.

Em fevereiro, nós, os autores deste texto, iniciamos o planejamento de um projeto sobre coleta de registros da vida cotidiana. Nossa ideia inicial era formar um grupo de estudantes para experimentarmos formas de coletar registros com o fim de arquivar nossa vida cotidiana. A inspiração veio do trabalho de um de nós no arquivo Mass Observation, um projeto de quase cem anos de coleta de fotografias, diários, relatos da vida cotidiana britânica que trataremos mais à frente. Como muitos, demoramos um pouco para entender que o projeto não seria apenas adiado por algumas semanas. Em nosso caso, no entanto, acreditamos que a mudança do projeto teve um impulso que nos tirou da espera das atualizações sucessivas. Sentimos que havia uma urgência por relatos e registros da mudança ampla da rotina.

Decidimos fazer a coleta de relatos durante a pandemia por meio da plataforma Facebook³. A primeira adaptação que fizemos do projeto foi lidar com a impossibilidade de encontros presenciais. Por isso, realizar o projeto por meio de uma rede social nos ajudaria a convocar voluntários e a ter um espaço virtual em que pudéssemos compartilhar os registros. No entanto, tínhamos uma preocupação ao usar o Facebook. Como rede social configurada numa dinâmica de curtidas e comentários, nosso temor era de que a produção dos relatos fosse pressionada pelos desejos e temores das reações imediatas do público. A solução pensada foi criar um grupo privado dentro da plataforma com os colaboradores e não permitir comentários nas postagens dos relatos. Além disso, permitimos relatos anônimos. Dessa

³ Criamos no dia 19 de março de 2020 um grupo no Facebook intitulado “Relatos do cotidiano durante a pandemia”.

forma, tentamos criar uma dinâmica mais afastada daquela típica da plataforma digital e mais próxima das pesquisas tradicionais com a de grupos focais - o que nos proporcionou também um aprendizado em relação ao fazer da pesquisa tendo como ferramenta uma rede social.

Divulgando em nossas redes, em pouco tempo o grupo produziu muitos relatos. De 19 de março, quando o grupo foi criado, a 20 de abril já tínhamos cinquenta relatos; até o final de maio, chegamos a cem. Por sugestões dos colaboradores ou nossa, coletamos também intervenções artísticas, relatos de sonho e inventário de fotografia de objetos. Aos poucos, fomos percebendo que tanto o exercício de relatar como o de ler os relatos tinham um efeito emocional. Nesse contexto de incertezas, ler as angústias dos outros e poder contar para alguém o que estavam sentindo diminuía a sensação de isolamento. Não tínhamos pensado nisso, mas o grupo ganhou também uma aura de trabalho emocional.

Como vocês devem ter percebido, este texto está sendo também algo como um relato, neste caso, de uma pesquisa em andamento. Relato é uma forma literária bem apropriada para registros no calor dos acontecimentos, sem as pretensões de síntese ou conclusão. Nas pesquisas científicas, fazemos uso com frequência de relatórios como etapa parcial. Mesmo quando o relatório é final, ele está lá como algo a ser finalizado, completado por articulações, sistematizações e sínteses, e por produtos como artigos, livros ou ações. A forma parcial do relato parece colocá-los mais próximo dos eventos, é como se fosse uma primeira demão semântica do real em nossa busca por produzir conhecimento.

Nas primeiras semanas da quarentena, pulularam iniciativas de coleta de relatos na imprensa. A princípio, isso não nos parece digno de nota, pois a imprensa trabalha com relatos. Na verdade, eles compõem boa parte do que ela oferece ao público. O que é instigante é que, de repente, a imprensa ficou inundada de relatos sobre a vida ordinária das rotinas e hábitos. Isso porque, para além de ter focos de intensidade como as portas de hospitais, os cemitérios, ou as filas da Caixa Econômica Federal, ou as coletivas das autoridades, a quarentena é um evento sobre o ordinário, um evento de mudança de rotina e de hábitos. Não à toa, recorreu-se ao formato do diário, em que relatos se acumulam dia após dia, como a iniciativa da Folha de S. Paulo - com a série “Diário de confinamento”. É como se por meio dos relatos diários entenderíamos o que estamos vivendo coletivamente. Aos poucos, fomos também percebendo que nosso projeto no grupo do Facebook estava configurando um diário, um estranho diário que não trabalhava na relação entre intimidade e individualidade, mas entre intimidade e coletividade, pois foi sendo formado por uma sequência de dias escritos por

diferentes mãos e cujos autores escreviam lendo também os relatos anteriores (ao final de nosso texto, selecionamos três relatos que nos parecem indicar esse aspecto de diário coletivo).

As redes sociais têm, há um bom tempo, alterado a dinâmica entre intimidade e coletividade. Se os meios de comunicação de mão única como o rádio⁴ e a TV significaram a entrada do público na intimidade do lar, os assistentes pessoais digitais (*smartphones, tablets* etc.) realizaram dois movimentos novos: permitiram que o público se embrenhasse ainda mais na vida doméstica - não há cômodo dentro da casa que o aparelho celular não possa estar e muito frequentemente está -; e como aparelho de mão dupla, o local de onde falamos ao público também se alterou radicalmente, pois o discurso não só é produzido na domesticidade, como tem sua estética. Se isto não estava evidente, ficou escancarado durante o isolamento social. Do debate político jornalístico às apresentações artísticas, tudo é produzido a partir da casa, com fragmentos de intimidade sendo expostos. Ouvimos a infectologista, o comentarista político, a jornalista falando de dentro de casa e os ouvimos em nossas próprias casas. É como se o público fosse a soma das intimidades e não seu oposto⁵.

Nesse sentido, nos parece relevante que tenham surgido inúmeras iniciativas pelo mundo de coleta de relatos da vida cotidiana, reforçando a ideia de que a pandemia deve ser registrada por um olhar pedestre e íntimo. Estamos catalogando-as e, considerando apenas EUA, Reino Unido, França, Bélgica, Luxemburgo, Espanha e Brasil, contabilizamos mais de vinte iniciativas de instituições arquivísticas. São projetos, em sua grande maioria, específicos para a pandemia, o que nos faz questionar por que essas instituições decidiram realizar esses projetos agora.

A busca pelo registro histórico por meio de relatos de pessoas comuns não é novo. O projeto britânico citado no início, por exemplo, coleta desde 1936 registros da vida cotidiana feitos por voluntários. Criado com o objetivo de ser uma antropologia de nós mesmos quando a antropologia estava dedicada ao estudos de sociedades não-ocidentais, uma das atividades iniciais do projeto foi o recrutamento de “observadores” voluntários, que foram incentivados a escrever relatos, o que fizeram no dia 12 de cada mês durante um ano (SHERIDAN et al., 2000, p.33). O projeto cresceu bastante durante a segunda grande guerra e recebeu forte

⁴ Aqui vale lembrar da forma como Brecht (2007) considerava o rádio. Para o autor, o rádio foi reduzido de um meio de comunicação a um meio de emissão ao retirar a possibilidade de resposta ao emissor.

⁵ Sobre a relação entre privacidade e publicidade mediada pelos novos aparelhos digitais, ver Mateus. S (2015).

incentivo estatal nesse período. Para o governo, era importante ter um “termômetro” da vivência da guerra feito por pessoas comuns.

No âmbito da produção literária, foi a partir do pós-guerra que se percebeu um aumento significativo da chamada “literatura de testemunho”, tipo literário onde sobreviventes narram em primeira pessoa as experiências dos campos de concentração e dos crimes cometidos pelo aparelho estatal. O Holocausto ocupou, enquanto signficante, o centro das narrativas testemunhais em torno do qual gravitam inúmeras outras experiências em perspectivas similares como as do *gulag* nos regimes ditatoriais, dos campos de concentração, dos extermínios étnicos no continente europeu e das mortes e torturas causadas pela ação direta do aparelho de estado nas ditaduras latino-americanas. Em todos, as obras trazidas pela literatura de testemunho tematizaram o “evento-limite” da experiência humana ao problematizar “os limites da representação” do evento traumático (SELIGMANN-SILVA, 2013). “O conceito de testemunho desloca o ‘real’ para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é jornalístico, reportagem, mas é marcado pelo elemento singular do ‘real’”. (*Ibidem*, p.47).

Em voga nas três primeiras décadas dos pós-guerras, a literatura de testemunho teve forte influência nas pesquisas sobre memória social, coletiva e, atualmente, nas pesquisas e trabalhos sobre memória cultural⁶. O campo da história oral também recebeu forte influência da literatura de testemunho, principalmente na forma do relato pessoal que as autobiografias traziam em suas estruturas textuais. Ou seja, relatos autorais de testemunhas vivas que experimentaram os acontecimentos históricos recentes. No Brasil, a partir dos anos de 1980-90, com a reabertura democrática, as pesquisas de história oral, memória e crítica literária experimentaram um aumento significativo em suas produções⁷.

Uma marca na produção de conhecimento como citado acima em torno da literatura de testemunho se dá pelo trauma da experiência. Tanto que na literatura de testemunho, na maioria dos casos, as fontes orais, as testemunhas oculares e os relatos autobiográficos

⁶ Ver o trabalho da pesquisadora alemã Aleida Assmann (2016).

⁷ Ver Ferreira & Amador (2011), que traz um balanço do campo da história oral no país e as inúmeras discussões em torno da temática junto à História enquanto disciplina. Ver também Seligmann-Silva (2013) para um balanço sobre as relações entre literatura de testemunho em relação aos trabalhos de História e Memória. Sobre Memória Social e Coletiva, ver Souza & Gadea (2017), que trazem um balanço da produção acadêmica e de pesquisa no país sobre a temática da memória junto às Ciências Sociais.

trataram-se de vítimas da violência do estado, sobreviventes de traumas históricos que trouxeram à tona, histórias ocultas, ou como denomina Michael Pollak (1989), “subterrâneas”, produzindo novos olhares e entendimentos sobre o nosso tempo presente e conseqüentemente reescrevendo esse tempo. O cotidiano dessas testemunhas da história, suas lutas, fadigas, perdas, superações e traumas ajudaram a rever e repensar o passado na busca por justiça no presente. Ou seja, caminham na mesma direção de Walter Benjamin (1996), numa história contada a “contrapelo” colocando no centro da análise a vida e os relatos daqueles que experimentaram o fato-limite.

Isso pode ser evidenciado na obra de Primo Levi, um dos mais proeminentes representantes da literatura de testemunho cujo legado é objeto de estudos por diversos pesquisadores de variadas nacionalidades até hoje. Levi (2016), em uma de suas últimas obras, “Afogados e Sobreviventes”, finalizado em 1986, um ano antes de sua morte, expressa sua intencionalidade em narrar a si próprio e aponta de antemão a difícil missão:

Quero examinar aqui as recordações de experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas. Neste caso atuam todos ou quase todos os fatores que podem obliterar ou deformar o registro mnemônico: a recordação de um trauma, sofrido, é também traumático, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba; quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa. (LEVI, 2016, p. 18).

Não parece ser o trauma o principal impulso aos relatos que estamos vendo. Mas há algo na experiência da literatura do testemunho que pode nos ajudar a entender essa busca por registrar nosso cotidiano. Muitas iniciativas de coleta falam da situação de estarmos vivendo um momento histórico, uma mudança social única vivida por essa geração, ou seja, o caráter de excepcionalidade. Numa convocação a esses registros pelos franceses, Myriam Piguet e Caroline Montebello (2020) clamam por “uma história ordinária do extraordinário”. A escrita no calor dos acontecimentos, diferente do testemunho que tem um forte caráter retroativo, não trata do trauma, mas parece como uma medida profilática a ele. Se por trauma entendemos aquilo que violentamente nos acomete e para o qual não formamos uma compreensão, o impulso para o relato diário tenta evitar que o que nos acontece durante essa pandemia fique sem significação. Isso nos ajuda a entender porque vemos na busca pelos relatos durante a pandemia um forte caráter de expectativa e uma busca pelos detalhes ordinários. O Royal College of Physicians de Edimburgo (2020), por exemplo, ao sugerir que sejam mantidos

diários neste momento, pede para que se “registre o mundano assim como os grandes eventos”.

Essas convocações pedem uma postura que Benjamin (2006) enxergava na figura do colecionador de miudezas, do trapeiro. O que dizem os farrapos de uma pandemia? O que um conjunto de relatos de pessoas comuns nos revela sobre esse evento histórico global? Diferentemente do *ethos* jornalístico, a coleção de relatos que estamos discutindo não pretende ser o retrato mais fiel dos fatos. Ela não compete com as reportagens sobre a situação dos hospitais, as ações governamentais ou aderência aos decretos. Ela também não concorre com os gráficos de curvas exponenciais, picos, platôs e de curvas achatadas. Os relatos diários das pessoas comuns nos permitem entrar em contato com a forma como as pessoas vivem esse evento, como elaboram, como sentem, sob qual ritmo e ambiente vivem.

No conjunto dos relatos postados pelos colaboradores em nosso grupo no Facebook é significativa a relação da vida ordinária e o momento histórico. A escolha pelo tema do que se vai relatar se dá, na maioria das vezes, pela força da contingência, de uma situação corriqueira que em uma situação de normalidade, passaria sem nota, sem atenção, sem uma razão que a eleva à condição de registro escrito. No entanto, o momento da pandemia atrelado ao estado de quarentena parece ter retirado o cotidiano do ordinário e o elevado ao grau de importância simbólica e emotiva necessário para o registro de sua experiência junto ao grupo de relatos. Em sua grande maioria, os relatos tratavam do dia a dia em casa e as rotinas dos afazeres domésticos; das atividades escolares; do trabalho, alguns em *home office*, outros expostos na rua; das relações familiares e de amizades; e da vida na vizinhança do bairro ou na cidade. Entretanto, esses rituais da cena cotidiana, que faz parte da vida de cada um de nós, nos relatos colhidos, tomam uma dimensão simbólica e afetiva ao serem pensados e experimentados conjuntamente no momento atual. Assim, as cenas narradas, de gestos, comportamentos, posições e atitudes se engendram num circuito de sentimentos que parecem ter algo de comum - no duplo sentido da palavra que fala tanto do compartilhado quanto do ordinário. Temos medo, aflição, angústia, confiança, esperança, indignação, solidão, saudade e tantos outros afetos entrelaçados aos cotidianos, dos gestos mais simples, como o de acordar e lavar a louça do dia anterior e perceber a vinda de um choro por lembrar do distanciamento exigido entre as pessoas, por conta da quarentena. Do medo de saber que alguém próximo pegou um resfriado e que isso pode ser sinal de contaminação. Ou como a desconfiança de ter que ir para o trabalho na incerteza do grau de contaminação ou não. O

que os relatos vêm apresentando, e que também os tornam dignos de investigação, são também as dimensões da experiência do agora, do ordinário e do cotidiano tomados em conjunto com um evento único que nos engloba de forma heterogênea enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da reconstrução: formas e transformações da memória cultural**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Imprensa Oficial, 2006.
- BRECHT, Bertold O rádio como aparato de comunicação Discurso sobre a função do rádio . **Estudos Avançados**, 21(60), 2007, p. 227-232.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.
- MATEUS, S. “A psico-morfologia da experiência social: da atomização da privacidade à intimidade pública”. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, 14 (27), p.135-146, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **História, Memória, Literatura**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.
- SOUZA, Rogério Ferreira de, GADEA, Carlos A. Memória Coletiva e Social no Brasil Contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11., set/dez 2017.

SHERIDAN, Dorothy; STREET, Brian; BLOOME, David. Introduction: Literacy Theory and Mass-Observation. In: SHERIDAN, Dorothy; STREET, Brian; BLOOME, David. **Writing Ourselves: Mass-Observation and Literacy Practices**. Cresskill: Hampton Press, 2000.

FIGUET, Myriam; MONTEBELLO, Caroline. ‘**Covid-19** : Pour Une Mémoire Ordinaire de l’extraordinaire’. Libération, abr. 2020.

ROYAL COLLEGE OF PHYSICIANS OF EDINBURGH. “**RCPE recording COVID-19 / coronavirus**”. Disponível em: www.rcpe.ac.uk/heritage/rcpe-recording-covid-19-coronavirus/ Acesso em: 12 jun. 2020.

FRAGMENTO DE UM DIÁRIO COLETIVO DA PANDEMIA⁸**Autorx 1, São Domingos – Niterói-RJ, 19 de março de 2020**

6º dia de quarentena – Primeira saída de casa desde o isolamento

Por aqui começamos nosso isolamento faz 6 dias, aulas suspensas, eventos desmarcados e aumento dos casos de COVID-19, desde então, não paro ler sobre casa medida de segurança necessária para diminuir ou ao menos retardar o contágio do COVID-19, essa semana fomos surpreendidos pela notícia da segunda morte do Estado do Rio de Janeiro pelo vírus, o idoso de 69 anos havia morrido em Niterói, no hospital de Icaraí. É diante desse cenário de isolamento e medo que decido sair de casa para fazer coisas fundamentais, como ir ao mercado, pet shop e farmácia.

Saí de casa por volta das 14h40 em direção ao supermercado, no caminho poucas pessoas na rua, alguns comércios já fechados e uma ou outra pessoa no ponto de ônibus. Uma outra tentativa de ir ao mercado, já havia acontecido naquela semana por parte de minha companheira, no entanto, as prateleiras estavam vazias, então, esperamos mais alguns dias até que eu pudesse ir. Quando cheguei no Centro de Niterói, havia pouco movimento, alguns artesãos na calçada, mas ninguém passava ou parava por ali, foi o que ouvi um deles dizer quando eu passava.

Até o momento, a experiência de sair de casa estava desesperadora, o medo do contágio, eu me sentia em pânico, e cada passo que dava para mais longe de casa, sentia uma vontade de voltar correndo. O meu corpo começou a coçar, principalmente meu rosto e cabeça, eu sabia que não podia encostar minhas mãos no rosto, quanto mais eu as afastava do meu rosto, mas meu corpo e rosto coçavam, meus olhos ardiavam, meu nariz coçava, meus ouvidos, meu pescoço e etc. Tentei me forçar em outras coisas e a tentar perceber meu entorno, e quanto mais eu via pessoas, mas vontade de correr pra casa eu sentia.

O mercado ficava próximo ao shopping, o shopping estava aberto, mais havia mais seguranças que o comum, sempre que alguém entrava, um deles retirava uma fita que parecia de contenção de fluxo. Quando cheguei ao mercado, percebi o maior número de seguranças na entrada também, verifiquei as prateleiras e encontrei parte do que procurava lá, os preços

⁸ Os relatos foram publicados tal como recebidos, mantendo suas grafias e imagens, no “Grupo de Relatos do cotidiano durante a pandemia” do Facebook - <https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/>

havia subido, em especial, o preço dos legumes, frutas e verduras, álcool em gel ou álcool 70 líquido não tinha. Comecei a ficar muito angustiada, ao ver as pessoas passando as mãos no rosto, e nenhum dos (as) trabalhadores (as) do supermercado usavam algum tipo de proteção. As farmácias estavam sem máscaras e álcool em gel, informavam que o estoque havia terminado e ninguém sabia ao certo informar quando chegaria, eu consegui um frasco pequeno de 30ml que era o último de uma das farmácias, em uma delas havia filas e mais filas, cheguei a tentar contabilizar a quantidade de pessoas em uma das farmácias, eram umas 15 pessoas só na fila de remédios, além das pessoas que circulavam a atendiam. A farmácia se localizava no terminal rodoviário de Niterói, no mesmo local encontrei cerca de 7 ou 10 pessoas (maioria homens) usando máscaras, enquanto eram entrevistados, me informei sobre a situação, estava acontecendo uma manifestação de motoristas pelo direito a quarentena ou ao menos, por alguma medida de prevenção que também os alcançassem.

Em busca de um pet shop, uma das minhas últimas tarefas do dia na rua, percebi que a maioria das lojas já estavam fechadas, inclusive, as de pet shop tanto que demorei cerca de 40 min para conseguir encontrar uma, cheguei a ir em 4 lojas diferentes e apenas uma estava aberta. Já na volta para casa, duas coisas chamaram minha atenção, a primeira foi a banca de tabaco, o dono do pequeno comércio falava ao telefone bem preocupado, eu perguntei se estava tudo bem e ele informou que os produtos não estavam chegando e que a qualquer momento ele teria que fechar a banca por ordem da prefeitura, a situação o preocupava pois não sabia como faria a partir para se manter financeiramente depois que sua banca se fechasse. Por fim... Indo para casa por voltas das 17h20, a cidade semi fantasma de Niterói, voltou a encher. Eram centenas de trabalhadoras e trabalhadores que naquele momento se dirigiam para os pontos de ônibus, barcas e para o terminal rodoviário da cidade. Afinal, a quem pertence o direito de cuidar da saúde? Quem pode ou não ser contaminado? A quem pertence o direito do isolamento pela saúde individual e coletiva? Essa é a cidade aparentemente fantasma nos horários de pico.

Autorx 2, São Paulo-SP, 12 de abril de 2020

Hoje o céu da quebrada estava em um azul encantador. Me alegrei por vê-lo, por ser Páscoa e por estar em casa sã e salva, orei em agradecimento. Dias de céu azul e gratidão estão sendo raros devido ao desgaste e variações de humor que tenho sentido de forma tão intensa.

Fui criada em lar cristão, a agenda da casa da minha família começa ser organizada na quinta à noite com minha mãe preparando o cardápio da Sexta-feira Santa, seguindo para o culto do pesar no sábado e com a celebração da páscoa no domingo - dia de máxima importância.

No domingo, temos o culto matutino às 7h e café da manhã com todos os membros da igreja, almoço em casa e culto noturno às 19h.

Esse ano, a mudança na rotina escancarou a falta de significado desse ritual como prática para além da instituição religiosa, fazendo da data algo banal.

Não fizemos nada na sexta, sequer lembramos. Nada no sábado. Nada no domingo, que particularmente, foi um dia de muito estresse.

Tentei acalmar os ânimos, fiz questão do almoço na mesa e puxei uma oração.

À noite, somente após mensagens no grupo da igreja, minha mãe decidiu que era páscoa. Me interrompeu no trabalho que estava desenvolvendo e impôs nossa participação no culto que seria transmitido e na Santa Ceia.

Explodi, argumentei, esbravejei, a entristeci e a discussão terminou comigo ceando na frente do notebook e mandando foto da família no grupo da igreja.

Sentimento? Cansaço e esgotamento.

Fui deitar pensando que Cristo não foi prioridade nesse dia e que eu não sou a “boa cristã”.

Autorx 3, Campos dos Goytacazes-RJ, 18 de abril de 2020

Tem sido angustiante demais. Trabalho em um hipermercado, onde sou vendedor de produtos eletrônicos. Então, atendo muitas pessoas todos os dias. O ser humano na condição de cliente, que possui algum poder de compra, ainda que fictício (crédito), acha-se também proprietário de nossas vidas enquanto trabalhador subordinado a servir-lhe.



A pandemia pra mim tem escancarado algumas coisas, seja o lado mais desumano das pessoas, seja o quase completo abandono da coisa pública, seja o cinismo das grandes corporações privadas, que se verdadeiramente não são responsáveis pelo surgimento do vírus de um lado, tem suas atividades lucrativas normalmente marcadas com sangue e suor do trabalho vivo, bem como atuam como financiadoras das privatizações do outro.

Por que falo isso? Tem sido surpreendente o aumento das vendas de produtos eletrônicos, mais surpreendente ainda foi a empresa triplicar as metas de vendas e quintuplicar os assédios, além de ter reduzido o quadro de funcionários. Se antes a empresa não fornecia EPIs como máscaras e luvas, ela agora fornece. Mas a proteção maior ainda é para seus lucros e não para as pessoas que o produzem.

O calor insuportável, assédios, os desvios de função já nos eram comuns antes da pandemia, da mesma forma que é normal que a categoria de trabalhadores de supermercado não seja representada por centrais sindicais ou movimentos sociais onde poderíamos pautar essas demandas. As diversas profissões que atuam em um supermercado sequer são consideradas como carreira. Estávamos abandonados, centenas de milhares de nós, um público diverso e majoritariamente formado por mulheres chefes de família que sobrevivem com um salário mínimo. Agora estamos ainda mais. Assim que a pandemia passar, a "barca" de demissões vai passar de novo.

Devido ao forte fluxo de clientes, faltam alguns itens de consumo, mesmo que a empresa tenha limitado o volume de mercadorias por cliente. Então, a mesquinhez humana faz com que certas pessoas acreditem que o funcionário seja responsável pela ausência do produto na gôndola. Somos angustiados, alguns têm ansiedade, depressão, no geral somos infelizes, subremunerados e não temos mecanismos de defesa, nem jurídica, nem política. É péssima a sensação de impotência, de presenciar cenas humilhantes da nossa dignidade e nada poder fazer.

Tudo isso porque estamos no último processo, somos a última etapa antes do consumo final. Imaginem o que não acontece em uma lavoura de cacau?